



ANISTIA

Das mobilizações das mulheres na ditadura
militar às recentes disputas sobre o passado

Pedro Ernesto Fagundes



EDITORA MILFONTES

ANISTIA



Copyright © 2019, Pedro Ernesto Fagundes.

Copyright © 2019, Editora Milfontes.

Av. Adalberto Simão Nader, 1065/ 302, República, Vitória, ES.

Compra direta e fale conosco: <https://editoramilfontes.com.br>

Distribuição nacional em: www.amazon.com.br

editor@editoramilfontes.com.br

Brasil

Editor Chefe

Bruno César Nascimento

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU)

Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP)

Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS)

Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG)

Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS)

Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto)

Prof. Dr. Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University)

Prof^ª. Dr^a. Helena Miranda Mollo (UFOP)

Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES)

Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES)

Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Karina Anhezini (UNESP - Franca)

Prof^a. Dr^a. Maria Beatriz Nader (UFES)

Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP)

Prof^a. Dr^a. Rebeca Gontijo (UFRRJ)

Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR)

Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (UERJ)

Prof. Dr. Valdeí Lopes de Araújo (UFOP)

Prof^a. Dr^a Verónica Tozzi (Univerdidad de Buenos Aires)

PEDRO ERNESTO FAGUNDES

ANISTIA

*Das mobilizações das mulheres na ditadura militar
às recentes disputas sobre o passado*



EDITORA MILFONTES

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

Revisão

De responsabilidade exclusiva dos organizadores

Capa

Imagem da capa:

Manifestação em frente a Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em 14 de agosto de 1979. Acervo SNI. Arquivo Nacional.

Bruno César Nascimento - *Aspectos*

Projeto Gráfico e Editoração

Bruno César Nascimento

Impressão e Acabamento

GM Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F156a FAGUNDES, Pedro Ernesto.

Anistia: das mobilizações das mulheres na ditadura militar às recentes disputas sobre o passado/ Pedro Ernesto Fagundes.

Vitória: Editora Milfontes, 2019.

318 p. : 20 cm

Inclui Bibliografia.

ISBN: 978-85-94353-55-9

1. Ditadura 2. Anistia 3. Mulheres 4. Usos do passado I. Fagundes, Pedro Ernesto II. Título.

CDD 981.063

*Para Bernardo e Eduardo — meus filhos — e
Antônia: minha melhor amiga e esposa.*

SUMÁRIO

Agradecimentos	9
Prefácio	11
Introdução.....	17
Capítulo 1: 1975-1976: Mulheres e exilados e os clamores pela Anistia.....	31
<i>Movimento Feminino pela Anistia (MFPA)</i>	31
<i>Os núcleos estaduais do MFPA</i>	37
<i>No Brasil e no exterior: repressão sem fronteiras</i>	46
<i>Os comitês pela Anistia na Europa</i>	53
<i>Geisel na Europa: entre ruídos e resistências</i>	64
<i>Os impressos do exílio e a radicalização do discurso sobre os direitos humanos</i>	71
Capítulo 2: 1977: Mulheres e estudantes nas ruas e nas universidades	87
<i>São Paulo, maio de 1977</i>	87
<i>Os Núcleos do Comitê 1º de Maio e do MFPA: o adensamento das mobilizações pela Anistia</i>	99
<i>Avanços organizativos dos movimentos pela Anistia</i>	113
Capítulo 3: 1978: A unificação dos movimentos pela anistia ...	121
<i>Todas e todos juntos na luta pela anistia: 1978</i>	121
<i>A fundação do CBA e os protestos de 28 de março</i>	125
<i>A “propaganda adversa” e a luta pela anistia</i>	141
<i>O CBA, o MFPA e as atividades coletivas</i>	151
<i>A Comissão Executiva Nacional (CEN): a unificação dos Movimentos pela Anistia</i>	163

Capítulo 4: As jornadas de 1979	179
<i>As perspectivas finais de 1978</i>	179
<i>Os atos de 18 de abril de 1979</i>	184
<i>De Salvador para Roma.</i>	191
<i>A “Operação Frente”: mobilizações nas ruas, nos presídios, no exterior e no Congresso Nacional</i>	209
Capítulo 5: As recentes disputas de narrativas: da década de 1980 à Comissão Nacional da Verdade	231
<i>O Paradigma da Anistia como pacto de reconciliação</i>	231
<i>As narrativas das militantes e a invisibilidade política</i>	240
<i>A narrativa dos militares</i>	250
<i>A Anistia na História: o protagonismo das pesquisadoras</i>	264
<i>As recentes disputas pelo passado</i>	285
Considerações finais	301
Referências:	307

Agradecimentos

O percurso que originou este livro contou com a colaboração de muitas pessoas e instituições. Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Espírito Santo (FAPES), que, por meio do programa Pesquisador Capixaba, foi fundamental para esse projeto. Sou igualmente grato ao CNPQ pelo financiamento de um projeto de pesquisa no Edital Universal (2014). O apoio de ambas as agências de fomento à pesquisa acadêmica cobriu os custos dos deslocamentos para a coleta de dados.

Agradeço aos meus alunos de graduação em Arquivologia. Sou grato em especial aos meus orientandos de iniciação científica e do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS/UFES). Debates parte dos textos citados neste trabalho em nossas aulas e reuniões de estudo. Nesse ponto, sou grato a Maria Heloísa B. Lourenço e Raquel S. Mello, alunas que auxiliaram na leitura da bibliografia sobre os movimentos pela Anistia. Agradeço também a Dinorah Lopes Rubim e a Davi Elias, pós-graduandos que auxiliaram na coleta de dados no Arquivo Nacional. À Max Dias, orientando de doutorado, pela leitura e sugestões sobre o Capítulo 5. Menção especial a Brenda Soares Bernardes, orientada de mestrado, pela leitura e sugestões, desde as primeiras versões do livro.

Igualmente agradeço aos meus colegas professores dos cursos de Arquivologia e de História da UFES. Com destaque especial, ao professor Ueber José de Oliveira pelas sugestões e pela escrita do Prefácio deste livro. À professora Maud Chirio por compartilhar uma versão eletrônica de sua pesquisa sobre os

exilados brasileiros na França. Agradeço também sobremaneira à professora Angélica Muller pelo esforço em recuperar e solicitar a digitalização – na Biblioteca da Universidade Federal Fluminense (UFF) – de uma das primeiras dissertações sobre os movimentos pela Anistia.

Agradecendo a Inez Stampa e a Vicente Rodrigues aproveito para registrar minha gratidão a todo corpo técnico do Arquivo Nacional, em especial, aos funcionários do projeto Memórias Reveladas. Agradeço a minha Mãe – Maria de Lourdes – e a todos os amigos que, mesmo sem saber, apoiaram meu percurso acadêmico.

Prefácio

Não poderia vir em melhor hora a publicação deste livro, escrito pelo Professor e amigo Pedro Ernesto Fagundes, sobre a Anistia e a maneira pela qual ocorreu o intrincado processo de redemocratização do Brasil, a partir de meados da década de 1970, obra que também acaba por desvelar, inexoravelmente, como a sociedade brasileira vêm lidando, desde então, com o seu passado e seu presente autoritários.

A ideia de produzi-lo surgiu no contexto em que Pedro Ernesto coordenou com muita competência, entre os anos de 2013 e 2016, a Comissão da Verdade da Universidade Federal do Espírito Santo, trabalho árduo de coleta de entrevistas e documentos, em especial do acervo do Arquivo Nacional (AN), até então inacessíveis, cujo desfecho foi a produção de um excelente relatório, já disponibilizado à sociedade brasileira e capixaba também no formato de livro.

Na coleta e transcrição de tais materiais, bem como na confecção do próprio relatório, Pedro Ernesto, a partir da sua apurada sensibilidade de pesquisador, observou que entre um extraordinário volume de documentos e depoimentos, uma quantidade significativa versava acerca da Anistia, pela qual a sociedade brasileira passou a se mobilizar de modo mais incisivo durante o governo Geisel (1974-1979), período consagrado na literatura sobre o Regime Civil-militar, em especial nos livros de Élio Gáspari¹, como sendo aquele promotor do processo de

1 O jornalista italo-brasileiro Élio Gaspari escreveu cinco livros sobre a ditadura militar brasileira: *A Ditadura Envergonhada*, *A Ditadura Escancarada*, *A Ditadura Derrotada*, *A Ditadura Encurralada* e *a Ditadura Acabada*. Tais obras estão divididas em quatro volumes e duas partes: as *Ilusões Armadas* e *O Sacerdote e o Feiticeiro*.

distensão lenta, gradual e irrestrita, pois, segundo a narrativa do renomado jornalista, representaria o retorno do *Grupo Castelista*,² ao poder, e que, segundo a mesma narrativa, havia sido preterido pelo famigerado *golpe dentro do golpe*, tese que hoje mostra-se falaciosa e que esse livro contribui para desmistificar. Segundo essa tese, o referido *Grupo Castelista*, adepto de uma espécie de *democracia tutelada*, teria sofrido um golpe desferido pelos setores das Forças Armadas identificados genericamente como *linha dura*, tendo à frente o General Arthur da Costa e Silva, e o governo Geisel meio que teria recolocado o regime instaurado em 1964 na sua rota original, ou seja, rumo a (re)democratização.

Após essa percepção inicial, uma mera pista tornou-se, no presente livro, alvo de uma fecunda e aprofundada análise da Anistia, do próprio Governo Geisel, e do projeto de abertura democrática verificados naquele contexto. Tal como o próprio autor indica logo na introdução, um aspecto saltou aos seus olhos no exame da documentação do período: a partir de 1975, em franca contradição com a propalada “abertura democrática” em promoção no governo Geisel, ocorreu o recrudescimento no volume de informações coletadas pelos órgãos de vigilância, monitoramento e repressão, em especial quanto às atividades de organizações e militantes que atuavam em prol da Anistia, sejam no Brasil ou no exterior.

Tal obra foi resultado de profunda pesquisa iniciada na década de 1980, a partir de bolsa de estudos que recebeu no *Wilson Center for International Scholars*. A obra se concentra na análise da trajetória e papel exercidos, durante o Regime inaugurado em 1964, por dois personagens, no caso os generais Ernesto Geisel e Golbery do Couto e Silva. Embasado em documentos pessoais de ambos, os livros revelam bastidores do regime militar que durou mais de 20 anos.

2 Expressão que diz respeito ao grupo liderado por Humberto de Alencar Castelo Branco, primeiro dos cinco generais-presidentes, que governou entre os anos de 1964 a 1967. Nesse grupo, destacavam-se os Generais Ernesto Geisel, Golbery do Couto e Silva e o Oficial Heitor Aquino Ferreira, secretário de ambos, responsáveis, em grande medida, pela edificação do aparato repressivo que vigorou durante o Regime Militar.

Desse modo, julgo que a presente análise possui dois principais méritos, entre vários outros: um é trazer ao conhecimento do público especializado ou não, memórias de um período traumático da história brasileira, marcado pela repressão e pela violência patrocinada e institucionalizada pelo Estado, o que ganha ainda mais importância quando nos deparamos com a encruzilhada institucional na qual estamos inseridos, momento em que a sociedade brasileira flerta perigosamente com soluções autoritárias.

O outro mérito diz respeito à contribuição para a inovadora interpretação acerca do Governo Geisel (1974-1979), que, em vez de ser lido pelo viés de uma memória positiva, como aquele que teria promovido a abertura, foi, segundo a interpretação de Pedro Ernesto, responsável por uma onda repressora que atingiu em cheio os movimentos pela Anistia. E mais, indo além das análises mais invocadas acerca do tema, o autor salienta que o nascedouro das mobilizações pela Anistia se deu a partir da atuação das mães cujos filhos haviam desaparecido, advogados, presos políticos em greve de fome, portanto, por “pessoas comuns”, mas que logo se espalhou, adquirindo corpo e grande repercussão no debate político nacional e internacional.

Ainda dentre os méritos do livro de Pedro Ernesto Fagundes, me permito observar três pontos fundamentais. Primeiro, a justa centralidade conferida às mulheres nas mobilizações pela anistia, com destaque para Therezinha Zerbine, Helena Greco e Iramaya Benjamin. Segundo, o extenso trabalho de revisão bibliográfica, perpassando três gerações de obras, dos anos setenta à atualidade. E terceiro, a proposição de ler os movimentos a partir do “Paradigma da Anistia como Conquista dos Direitos Humanos”.

Portanto, a leitura que o professor Pedro Ernesto faz daquele contexto acaba por endossar novos olhares acerca da

ditadura militar no seu conjunto, em especial aqueles decorrentes do impacto que a descoberta tornada público pelo pesquisador Matias Spektor promoveu. Segundo o achado, o Gen. Ernesto Geisel, diferentemente da sua representação de democrata e responsável pela abertura, não só tinha conhecimento, mas autorizou a execução de opositores ao regime militar. O documento prospectado por Spektor, datado de 11 de abril de 1974, foi elaborado pelo então diretor da CIA, William Egan Colby, e endereçado ao secretário de Estado dos Estados Unidos, Henry Kissinger e foi tornado público recentemente pelo governo americano, levando a muitas repercussões no meio acadêmico brasileiro e também fora dele.

Por outro lado, apesar desse tenso e repressivo ambiente político e social, marcado pela aplicação de instrumentos discricionários de arbítrio, o livro revela que os Movimentos pela Anistia ganharam as ruas de tal maneira a repercutir no Congresso Nacional. A sua aprovação, no dia 28 de agosto de 1979, e o conseqüente retorno das mais importantes lideranças políticas do país, aliviaram as tensões e possibilitaram a retomada dos esforços pela redemocratização, mesmo que nesse caminho a sociedade brasileira tenha esbarrado em armadilhas e dificuldades casuísticas, tal como ocorreu na campanha das *Diretas Já*.

Não bastasse o tema em si, absolutamente relevante para pensarmos a sociedade brasileira de ontem e de hoje, o livro adquire ainda mais relevância ao considerarmos a circunstância em que vem a público, tempos particularíssimos tanto no Brasil quanto no mundo. Certamente não é nenhum exagero afirmar que desde a Segunda Guerra Mundial – do nazi-fascismo, do holocausto e demais expressões de barbárie a que lamentavelmente a humanidade se submeteu – nunca estiveram tão em xeque os progressos civilizacionais conquistados a tão duras penas, tal como nesse momento.

No atual contexto que atravessamos, assistimos atônitos a uma onda conservadora, manifesta em expressivas votações ou mesmo na ascensão de governos de direita e extrema-direita mundo afora. Na Alemanha, o partido ultranacionalista *Alternativa para Alemanha* (AFD) conquistou 95 cadeiras do Bundestag, entre as 630 disponíveis. Na França, Marine Le Pen, candidata do partido nacionalista *Frente Nacional*, chegou ao segundo turno na eleição presidencial francesa, sendo derrotada por Emmanuel Macron, político liberal. Apesar de não ter tido o mesmo desempenho nas eleições legislativas, a performance da Frente Nacional para o executivo mais uma vez abalou as estruturas da democracia francesa.

Nos Estados Unidos, foi eleito Donald Trump com uma retórica extremamente beligerante contra imigrantes, e minorias de todos os tipos, incluindo a comunidade negra. Na Hungria, ascendeu ao poder o nacionalista conservador Viktor Orbán, graças a uma campanha concentrada também no repúdio à imigração, o mesmo ocorrendo na Itália, onde sagrou-se vencedor a *Liga*, partido de extrema-direita, além de outros países em que, mesmo não obtendo vitórias, a extrema-direita arregimentou relevantes votações, como na Finlândia, na Espanha, Suécia, entre outras.

Do mesmo modo, no momento em que este livro está sendo lançado, presenciamos a escalada do Governo Jair Bolsonaro, eleito em 2018 – também de extrema-direita – rumo ao desmonte do Estado de Bem Estar Social brasileiro, que, mesmo com imperfeições, proporcionou importantes conquistas ao conjunto da sociedade brasileira nos últimos 30 anos. No compasso das já aprovadas Reforma Trabalhista, Lei das Terceirizações e a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) do teto dos gastos, do Governo Temer, Bolsonaro enviou ao Congresso a Reforma da Previdência e o pacote Anticrime, que, juntas, prometem, caso aprovadas, decretarem o fim do pacto social consagrado em 1988.

Portanto, observando os debates em torno da Anistia, da democracia e da própria tradição autoritária brasileira, esta última revelada assustadoramente com todo o seu furor medonho no momento que atravessamos, nota-se um *continuum*, um certo passado que não passa, especialmente quando observamos os significativos avanços democráticos das últimas três décadas, hoje seriamente ameaçados. Por isso, a leitura do presente livro – e a reflexão que ele almeja suscitar – é mais que necessária, é urgente.

Prof. Dr. Ueber José de Oliveira
Universidade Federal do Espírito Santo
Abril de 2019